

DADOS

Jovens se afastam de páginas engajadas e interagem com imprensa tradicional, revela estudo

Levantamento inédito revela que polarização no Facebook atrai perfis mais velhos do que páginas que usam linguagem mais neutra

12 de Março de 2018

Texto: [Natalia Viana](#), [Gpopai](#), [Alunos da ESPM - Rio](#) | Infográficos: [Bruno Fonseca](#)

Um levantamento inédito com base em interações entre 1.822 perfis de Facebook e páginas de notícias revelou que há diferenças significativas entre os leitores de páginas engajadas, que lideram a polarização do debate político, e páginas da imprensa tradicional, que costumam adotar um tom mais neutro nas reportagens.

Em especial, a idade dos seguidores é bem diversa: enquanto o maior grupo de leitores de páginas de esquerda tem mais de 50 anos (26,1%), os de direita são um pouco mais jovens: 30% têm entre 41 e 50 anos. Já o maior grupo de leitores de páginas da imprensa tradicional têm de 20 a 30 anos (33,3%). O Facebook não permite usuários com menos de 13 anos.

O estudo foi feito pela **Pública** em parceria com alunos da ESPM-Rio e o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai), da Universidade de São Paulo, faz parte do LAB - Laboratório de Inovação em Jornalismo, realizado na Casa Pública, no Rio de Janeiro. O pressuposto é que o ato de “curtir” um post comprova não apenas a leitura da página, mas também concordância com as notícias.

“Os dados são tão contraintuitivos que hesitamos em publicá-los, sobretudo em face das dificuldades metodológicas”, diz o relatório do Gpopai. “No entanto, quando comparamos nossos números com os dados internos de dois grandes sites, um da grande imprensa e outro da esquerda, nos convencemos de que os resultados são consistentes.”

Outra constatação que chama atenção é a quantidade de leitores com educação superior: são 75,8% dos que interagiram com páginas da imprensa tradicional, 67,7% dos que interagiram com páginas de direita e 74,1% dos que interagiram com páginas de esquerda. Do total de usuários de internet no Brasil, apenas 13,1% têm ensino superior, segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br).

Além disso, os leitores de páginas engajadas estão longe da maioria dos usuários da internet. Segundo o Cetic, 54,2% dos usuários têm menos de 30 anos.

Por outro lado, o estudo reforça levantamentos anteriores realizados pelo Gpopai, que tem se debruçado há dez anos sobre o debate político no Brasil.

“Se pegarmos as principais páginas que discutem política no Facebook, elas alcançam 12 milhões de perfis, dentre os 100 milhões de usuários do Facebook no Brasil”, diz o professor Pablo Ortellado, coordenador do grupo. Todos os dias, sua equipe monitora cerca de 5 mil matérias sobre política nacional, dentro do projeto de pesquisa Monitor do Debate Político no Meio Digital.

LEIA TAMBÉM

Caçadores de boatos revelam como desvendar mentiras na internet

Entrevistamos Edgard Matsuki, fundador do site Boatos.org, e Gilmar Lopes, criador do E-Farsas, dedicados a desmascarar correntes e histórias enganosas na rede

A direita abraça a rede

A ascensão dos grupos conservadores nas redes sociais – da revolta “pop” ao uso de perfis fake e robôs importados da campanha eleitoral

Trata-se de uma parcela dos usuários, mas que faz bastante barulho. “Não é exatamente uma novidade que tenhamos ‘jornalismo de combate’. O que temos de novo é a combinação de uso de mídias sociais com polarização da sociedade. O problema não é que tenhamos sites engajados, mas que tenhamos uma sociedade tão polarizada que ela só difunde informação de combate. Com isso, temos um rebaixamento muito acentuado da qualidade da informação que circula, já que as mídias sociais já são a segunda fonte de informação dos brasileiros, depois da TV”, analisa Ortellado.

A partir de questionários aplicados durante passeatas em 2016 e 2017, os pesquisadores do Gpopai haviam constatado que a crença em boatos crescia com a idade, assim como a identificação dos manifestantes como o “petistas” e “antipetistas”.

“Isso significa que os mais velhos estão mais polarizados”, explica Ortellado. Para ele, a polarização nas redes está estruturada em torno de um tema: o ódio ou o amor ao PT.

“Se a gente olhar para a realidade brasileira, parece que a polarização tem a ver com o PT. Para quem tem mais de 40 anos e viu o PT nascer, é bem provável que ele tenha sido uma fonte de esperança. Neste grupo, há os que estão satisfeitos com as conquistas e os que estão extremamente frustrados com a sua degeneração e limitações. Essa me parece a explicação mais razoável, já que o PT estrutura a polarização.”

Os dados são relevantes porque o ambiente das notícias falsas é bastante amplo – e há diversos graus de informações enganosas. Segundo classificação da organização First Draft News, da Universidade Harvard, o ambiente online sofre de “poluição informacional”, e há sete tipos de enganos se espalhando na rede: desde manchetes caça-cliques, que não condizem com a reportagem, até republicação de notícias velhas e fora do contexto. Em um ambiente polarizado, esse tipo de informação se prolifera mais rápido.

“As notícias falsas são um dos efeitos de um problema maior que é a polarização política da sociedade. Com uma sociedade polarizada, todo ecossistema de informação é pressionado a atender esse sentimento beligerante da sociedade, rebaixando o padrão editorial, já que matérias que se prestam mais à guerra de informação têm um desempenho melhor. Por isso, vemos essa profusão não apenas de notícias falsas, mas também de outras formas de desinformação.”

Tradução: Projeto Credibilidade (Projor)

Como foi feita a pesquisa

A equipe do Gpopai recolheu, por meio da API do Facebook, identificações de usuários que “curtiram” publicações de páginas de sites relevantes de notícias.

De acordo com a classificação do Monitor, as páginas se dividem em três grandes grupos: imprensa tradicional (páginas de *Veja*, *Folha de S.Paulo*, G1, UOL Notícias, *O Globo*, *Estadão*, revista *IstoÉ*, *Exame*, *Época*, *Carta Capital*), sites engajados de esquerda (Jornal GGN, Diário do Centro do Mundo, Revista Fórum, Falando Verdades, O Cafezinho, Brasil 247, Mídia Ninja) e sites engajados de direita (Jornalivre, Papo TV, Folha Política, Partido Anti-PT e Anti-PT).

São três “clusters” bem distintos e polarizados, conforme mostra o grafo abaixo:

Os dados foram recolhidos no dia 10 de maio de 2017, quando houve cerca de 2,2 milhões de curtidas por cerca de 880 mil usuários em publicações dessas 22 páginas. Foram sorteados aleatoriamente cerca de 600 usuários de cada um dos grupos. Então, 20 alunos de jornalismo da universidade ESPM-Rio, sob coordenação da professora Mônica Mourão, visitaram esses perfis para anotar informações demográficas sobre cada um dos perfis, como idade, sexo, estado e escolaridade.

Nathalia Bracaglia/ESPM

O estudo foi feito pela Pública em parceria com alunos da ESPM-Rio e o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai)

“Optamos por uma abordagem um pouco heterodoxa, mas ainda assim útil: quando havia declaração pública de idade, usamos essa informação; quando o perfil não revelava a idade, mas disponibilizava o ano de formação no ensino médio, estimamos o nascimento pelo ano de conclusão do ensino médio menos 18 anos; por fim, quando não tínhamos nenhuma dessas informações,

estimamos a idade em faixas de dez anos avaliando a foto do perfil. O método é um pouco impreciso, mas, dado o forte contraste dos resultados nos três grupos investigados, achamos que indicam uma tendência real”, explica o documento do Gpopai.

As interações analisadas foram extraídas antes da mudança de algoritmos que o Facebook realizou em janeiro de 2018 e que teve como consequência a diminuição de alcance de todas as páginas na plataforma.

Jovens desconfiam de imprensa e se preocupam em espalhar fake news

Entrevistados por estudantes da ESPM, quatro jovens que interagiram com páginas de imprensa tradicional explicaram que leem as notícias de maneira crítica.

“Temos sempre que questionar o que estamos vendo e ouvindo e ter cuidado até com a nossa própria opinião”, diz Rafaela dos Santos Gomes, 22 anos. Estudante de mestrado em ciências climáticas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ela diz que, quando se trata de política, há grande probabilidade de se deparar com notícias falsas. “A melhor forma de se certificar de que aquela informação é verdadeira é comparar em sites de busca com outros sites jornalísticos”, explica a estudante, que diz seguir jornais “oficiais” locais, nacionais e internacionais para se informar.

Outro entrevistado, Abner Samuel, 20 anos, de Belo Horizonte, garante que busca informações em meios “seguros e de credibilidade”. Para ele, “notícias têm de ser feitas por meios de comunicações formais”. Porém sempre busca entender vários lados da história e chegar à própria conclusão. “É possível concordar com coisas que são explícitas [na grande imprensa], porém sei que muitas delas possuem seu lado tendencioso.”

O desenvolvedor de software Paulo Bordignon, de 21 anos, concorda. “Desconfio, pois ocorre com muita frequência de aparecer matérias com títulos tendenciosos com a única finalidade de ganhar visitas.” Seu método é ler os comentários para entender o que o público diz a respeito de uma notícia. Ele segue páginas da Infomoney, *Exame*, BBC Brasil, Instituto Mises Brasil e Students for Liberty – além de outras páginas sobre liberalismo econômico, com o qual se identifica.

A gaúcha Gabriela, por sua vez, segue a Mídia Ninja – página diametralmente oposta na polarização política. Mas, assim como Paulo, é cuidadosa em acreditar em tudo o que lê. Compartilha poucas coisas, porque acha que alguns conteúdos da página engajada de esquerda são muito “extremistas”.

MAIS
LIDAS

As herdeiras do alto escalão do Judiciário

Levantamento inédito mostra quem são as viúvas e filhas de ex-ministros que recebem durante toda a vida pensões criadas por lei de 1890

Indígenas assumem ações contra crime organizado

De fato, todo cuidado é pouco - e não só com as páginas engajadas, avalia Rafaela. “Na grande maioria, eu procuro ler a notícia completa, pois existem certos sites de notícias (G1) que coloca na chamada uma notícia e, quando abro para ver a matéria, o título é completamente diferente, uma forma de jornalismo barato para chamar atenção do leitor”, diz. O mineiro Abner Samuel mostra a mesma preocupação. “Compartilhar notícia na internet é coisa séria, você tem responsabilidade nessa notícia mesmo que de forma parcial”, diz.

Alunos da ESPM-Rio:

Gabriel Barros Gonçalves, Henrique Figueiredo Ferreira, Eliza Cunha Raniere, Victoria Mancino Correia, João Ricardo Cunha Barbedo, Gabriel Morais, Karoline Mayumi Simões Kina, Caio Garritano Amador, Matheus Barbosa, Melanie Adelaide Fernandes Martins, Letícia Rivoli Menegatti, Raquel Silva Prazeres, Cecília Santos Velihovetche, Bruna Lima Guimarães, Eduarda Pinheiro, Luisa Lins, Leonardo Castelo, Isabelle Rodrigues, Juliana Ramos Lois, João Eduardo Gurgel.

Professores: Mônica Mourão, Vinicius Carvalho e José Brito.

Gpopai (USP)

Marcio Moretto e Pablo Ortellado

Esta reportagem faz parte do LAB Fake News, o quinto laboratório de experimentação em jornalismo desenvolvido na Casa Pública, no Rio.

*Ao longo de 2018, a **Pública** vai produzir reportagens e levantamentos sobre a guerra de desinformação nas redes sociais em parceria com pesquisadores, desenvolvedores e estudantes de jornalismo, unindo tecnologia, dados e apuração em campo.*

TAGS

Facebook

Fake news

polarização

política

PT

COMENTÁRIOS

0 Comentários

Agência Pública

 Entrar

 Recomendar

 Compartilhar

Ordenar por Mais votados

Iniciar a discussão...

FAZER LOGIN COM

OU REGISTRE-SE NO DISQUS 

Nome

1 comentário

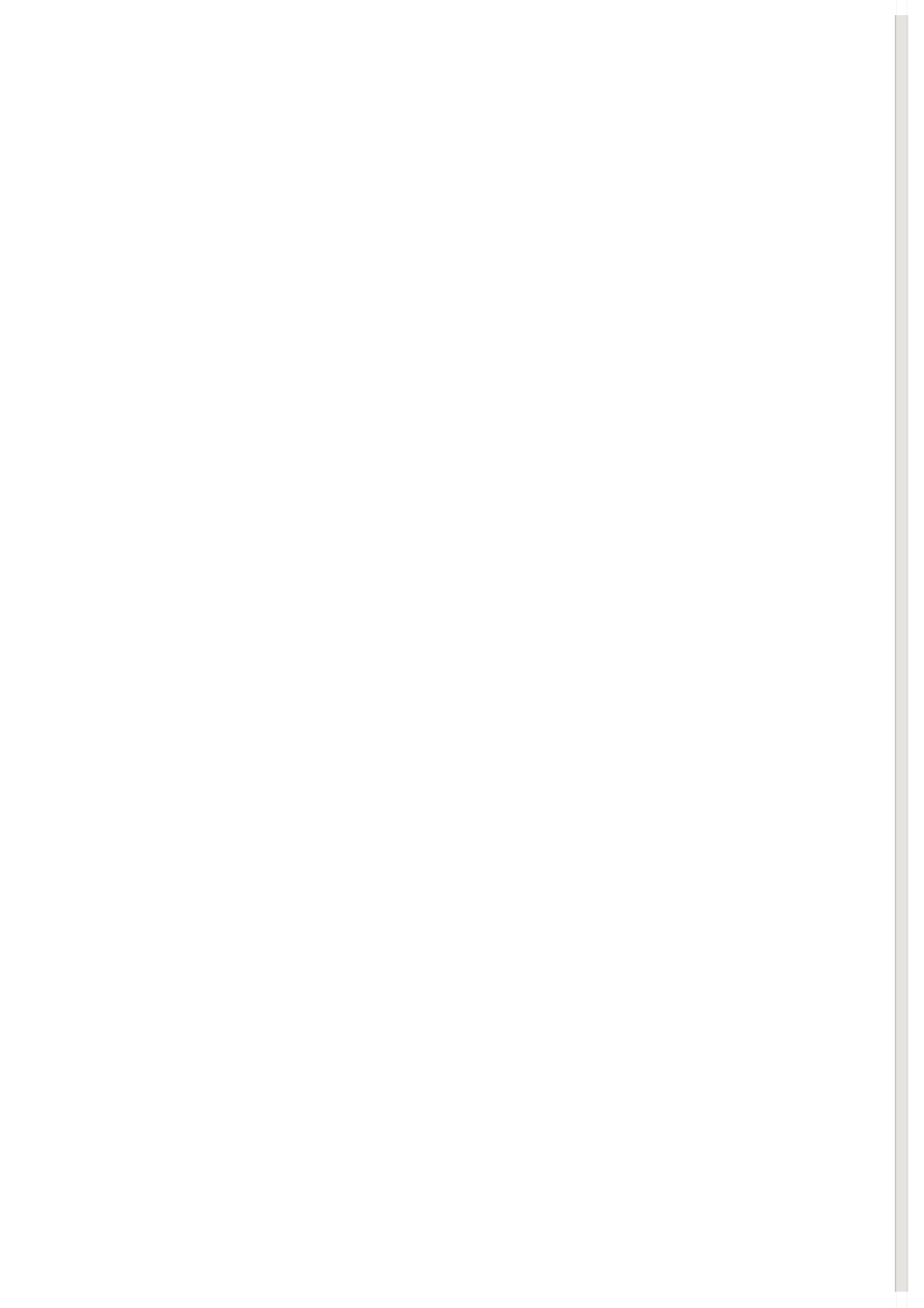
Classificar por **Mais recentes** ▾

Adicionar um comentário...

Estevam Gomes · Ilustrador em Estevam Gomes

O texto diz que a porcentagem dos leitores com educação superior de páginas de direita é 67,7% e de esquerda 74,1%. Na imagem logo depois esses dados estão invertidos.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 h



MAIS RECENTES

EXPLORE TAMBÉM

Publica

HOME

QUEM SOMOS

REPUBLICUE

TRANSPARÊNCIA

CASA PÚBLICA

CONTATO



759
SHARES



in

